

Memórias do mar: que fazer com o património bibliográfico e documental?

Manuela Barreto Nunes

Apesar da sua importância para a identidade do país e da dimensão política que lhe é reconhecida e aparece plasmada na *Estratégia Nacional Para o Mar (2006-2016)*, cujas linhas de acção incluem “o conhecimento e a protecção do património cultural marítimo, em linha com as recomendações da Comissão Estratégica dos Oceanos”, a preservação do património do mar não tem sido em Portugal objecto de iniciativas relevantes de âmbito nacional. A dinâmica lançada com a EXPO’98, da qual sobrevive apenas o Oceanário de Lisboa, e com as comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos, cuja comissão, presidida por Vasco Graça Moura, distribuiu pequenas bibliotecas temáticas e exposições itinerantes por alguns municípios e escolas, deu poucos frutos: raros são os projectos consistentes com a missão de o tratar, conservar e divulgar. A perspectiva é quase sempre museológica, e disso são exemplos museus como o de Ílhavo, o mais antigo, fundado em 1937 e fortemente dinamizado ao longo das duas últimas décadas; o Navio Hospital Gil Eannes, testemunho da saga da pesca do bacalhau, recuperado e musealizado em Viana do Castelo desde 1998; o Núcleo Museológico do Mar, criado em 2003 e integrado no Museu Municipal Santos Rocha, da Figueira da Foz; o Museu Etnográfico da Praia de Mira (1997); a Rede de Museus do Mar de Esposende, onde se integra o Museu Marítimo, inaugurado em 2012; ou o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim que, em 1991, construiu a *Fé em Deus*, uma reprodução da Lancha Poveira do Alto, hoje um modelo de preservação e divulgação internacional da memória e do património dos pescadores da Póvoa de Varzim e de Portugal.

Com excepção da mesma Póvoa de Varzim, onde é evidente a articulação do trabalho da biblioteca pública com o museu etnográfico, desconhecem-se colecções de bibliotecas públicas sobre o mar, ou outros projectos que envolvam a preservação e a divulgação do património bibliográfico e documental de temática marítima.



LEGENDA: LANCHA POVEIRA DO ALTO FÉ EM DEUS - ©AMP

E, no entanto, os recursos de informação abundam, dispersos, necessitados de recuperação, organização, tratamento técnico e divulgação, mormente através da construção de bibliotecas e repositórios digitais. A digitalização de documentos publicados e de literatura cinzenta, de origem privada ou institucional, aliada a um adequado tratamento técnico e de organização que permitam a sua clara identificação e um fácil acesso constituem um contributo inestimável para a educação e para a ciência, para a dinamização da cultura local e também para a coesão social e a sustentabilidade económica: para a defesa daqueles que vivem do mar e para a protecção da vida marítima, tão afectada pela exploração predatória do último século.

Pelo seu carácter local e próximo das comunidades, as bibliotecas públicas das zonas mais fortemente marcadas pelas actividades marítimas poderiam dinamizar uma pesquisa aturada em fundos de colecções, mas também junto das próprias comunidades,

de forma a recuperar informação que permita a constituição de núcleos de conhecimento sobre o mar, a partir de documentos hoje dispersos e, por isso, muitas vezes desconhecidos. Em colaboração com os museus ou os arquivos, sempre que se justifique, caberia aqui também promover a recolha da memória oral e visual, de documentos do quotidiano e do trabalho, recuperando memórias, rostos e espaços a partir de entrevistas, depoimentos e até encontros colectivos com cidadãos e especialistas.

Nalguns países onde a marca dos oceanos e da vida marítima é forte têm sido desenvolvidos projectos interessantes a partir de documentos de navios (como os diários de bordo ou registos de escravos embarcados durante a época do tráfico negreiro, por exemplo), fotografias, planos de construção de embarcações, mapas, desenhos, ou construindo informação nova através da criação de fichas histórico-descritivas sobre barcos, empresas ou pessoas e registos de história oral; a esta tarefa também se têm dedicado, em Portugal, museus como o de Ílhavo (com um riquíssimo arquivo digital sobre a pesca do bacalhau) ou o da Póvoa de Varzim, este sobretudo a partir da dinâmica criada com a lancha poveira *Fé em Deus*: motivo para um já vasto repositório digital sobre a actividade piscatória do município, que inclui artigos publicados no Boletim Cultural desde o seu 1.º número, de 1958, uma importante galeria de imagens, a reportagem, sob perspectivas diversas, da recuperação e actividades da lancha, e ainda documentos audiovisuais. Neste Repositório nota-se a marca do trabalho de bibliotecários, profissionais preocupados em organizar a informação de forma a facilitar o acesso.

capitão
DECLARAÇÃO *Julia 4^o*

Prestada ao Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau, para fins de inscrição no livro por marítimos que NÃO MATRICULARAM para a Campanha Bacalhoeira de 1938.

Nome *Antonio Marques* Alçada
 Filiação | Nome do Pai *Manuel Marques 1^o*
 | Nome da Mãe *Antoniada Rodrigues*
 Data do nascimento *10 de Janeiro de 1889* Natural de *Ilhavo*
 Frequentou de *Ilhavo* Conselho de *Ilhavo*
 Casado em *5 de Março de 1912* em *Ilhavo*
 com: *Luiz Garcia*
 Estado: Visto desde de de
 Domicílio desde de de
 Amarelado com

Residência (Rua, número e localidade) *Rua Ilhavo 3, 2^o da Rua 2^o 27 Ilhavo*
 Nº da Cédula Marítima: *1925* Passado na Capitania do Porto de *Luiz Garcia da Cruz*
 Data em que a Cédula foi passada *1906* *4-3-1901*

INICIAR SE JÁ FOI OU NÃO AOS BANCOS DA PESCA DO BACALHAU: *1906*
 Exerce a profissão de pescador de bacalhoas desde o ano de *1906*
 Exerce a profissão de tripulante-do-pescador (limpeira, pilão, moedor, ajudante de motorista, mestre-vião, electricista, cozinheiro, ajudante de cozinheiro, praticante de pilão, moedei cozer, moço de câmara) desde o ano de
 Declina de exercer a profissão em *por motivo de*
 Situação militar: *Capitão-Tenente Capitão*

N.º *10*
Capitão

PESSOAS A SEU CARGO

FILHOS MENORES			FILHOS MAIORES			
N.º	Nome	Data do nasc.º	Nome	Data do nasc.º	Estado	Profissão
1		<i>21-5-1916</i>	<i>Alcides S. Marques</i>	<i>21-5-1916</i>	<i>solteiro</i>	<i>Donatário</i>
2		<i>21-5-1916</i>	<i>Al. Fernando S. Marques</i>	<i>21-5-1916</i>		<i>Capitão</i>
3	<i>Maria Sousa Marques</i>	<i>21-5-1912</i>				<i>Capitão</i>
4	<i>Luizinda S. Marques</i>	<i>14-5-1916</i>				<i>Capitão</i>
5	<i>Beata Sofia Marques</i>	<i>20-5-1916</i>				<i>Capitão</i>
6	<i>M. Helena S. Marques</i>	<i>21-5-1916</i>				<i>Capitão</i>
7	<i>Francisco S. Marques</i>	<i>18-12-1916</i>				<i>Capitão</i>
8	<i>Ant. Manuel S. Marques</i>	<i>2-2-1916</i>				<i>Capitão</i>
9						
10						
11	<i>Capitão-Tenente</i>	<i>Capitão</i>				<i>Capitão</i>
12						

Ve embora de pescador a sua família desde da residência?
 Localidade para onde vai: *Ilhavo*
 Vai trabalhar? *Em que se ocupa?*

Nome do navio em que embarcou na Campanha de 1938: *Metanha 1938 Julia I*
 Quantos quintais de bacalhoas pescou? *04*
 Foi como capitão, segundo, ou marítimo-pescador?
 Se não foi como pescador, que outro cargo ocupou?
 Nome do Navio em que embarcou na Campanha de 1937: *Metanha 1940 Julia I*
 Quantos quintais de bacalhoas pescou? *04*
 Foi como capitão, segundo, ou marítimo-pescador?
 Se não foi como pescador, que outro cargo ocupou?
 Nome do navio em que embarcou na Campanha de 1936: *Metanha 1941 Julia II*
 Quantos quintais de bacalhoas pescou? *04*
 Foi como capitão, segundo, ou marítimo-pescador?
 Se não foi como pescador, que outro cargo ocupou?
 Tem sido estabelecido médico do Grémio? *Não* E sua família? *Não* *1902 Julia IV*
 Localidade e data, em que este impresso foi preenchido pelo interessado:
Ilhavo de Ilhavo de 1943
 (Assinatura do declarante): *Antonio Marques* *1943 Julia IV*

Este impresso, depois de preenchido pelo declarante, deverá ser visado pelo capitão do porto ou pelo chefe marítimo de localidade da sua residência.

Importante

O casamento foi celebrado na
 Igreja Católica? *Foi*

Este impresso destinado ao cartório de capitania ou delegacia marítima

LEGENDA: FICHA DE INSCRIÇÃO DE PESCADOR NO GRÉMIO DOS ARMADORES DE NAVIOS DE PESCA DO BACALHAU - ©MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO.

Trata-se porém de projectos dispersos, com pouca comunicação entre si, que ganhariam com uma articulação em rede. Nesse sentido, a aliança entre as diversas instituições da memória a nível local e regional, entre municípios através das CIM ou de redes como, por exemplo, a ainda tão pouco aproveitada *Rede da Cultura dos Mares e dos Rios*, procurando traduzir em investimento efectivo as declarações de intenções de sucessivos governos, serão a única forma de tornar viável um projecto nacional desconcentrado, que congregue esforços e recursos e contribua para o conhecimento, promoção e divulgação da memória e identidade do litoral português.